



Correlações entre a ordem sujeito-verbo e as características das construções causativas no Português Brasileiro (PB)

Heloisa M. M. Lima-Salles (UnB)
Eloisa Pilati (UnB)

RESUMO: O artigo tem o objetivo de lançar as bases para uma hipótese teórica que explique algumas características sintáticas das estruturas causativas do português do Brasil (doravante PB). As orações causativas do PB apresentam as seguintes características sintáticas: ordem sujeito-verbo (SV), verbo no infinitivo (flexionado) e sujeito com Caso Nominativo, tal como em *A mãe fez os meninos dormirem*; *A mãe fez eles dormirem*. No entanto, são agramaticais no PB as chamadas “causativas românicas”, em que o causado/sujeito lógico ocorre posposto ao verbo, seja intransitivo, seja transitivo (sendo o *causado*, neste último caso, introduzido pela preposição dativa ‘a’), como em: **A mãe fez dormir o menino* e **A mãe fez comer a banana ao menino*. Seguindo estudos prévios – Ribeiro (1995), Galves & Paixão de Sousa (2004), Martins (2004), Trannin (2011), Lima-Salles & Pilati (2011) –, propomos que uma condição para o surgimento da causativa com o infinitivo (flexionado) e sujeito com Caso nominativo no PB é a rigidificação da ordem sujeito-verbo na estrutura subordinada, fenômeno correlato à perda do padrão V2 encontrado no português antigo e no português clássico.

Palavras-chave: construções causativas, infinitivo flexionado, ordem dos termos, português brasileiro.

Introdução

Uma característica das construções causativas tanto do Português Brasileiro (PB) quanto do Português Europeu (PE) é a presença do infinitivo flexionado, conforme ilustrado em (1) e (2):

- (1) A mãe fez os meninos dormirem.
- (2) A mãe fez os meninos dormir.

A presença do infinitivo flexionado no PB é diagnosticada pela categoria de número, como em (1), já que, no singular, a construção é ambígua, por não haver marcação morfológica expressa no infinitivo, como em (3).

- (3) A mãe fez o menino dormir(--).

Na literatura gerativa, as construções em (1) e (2) têm sido analisadas, respectivamente, como estrutura em que o sujeito oracional recebe Caso nominativo (cf. RAPOSO, 1987; MADEIRA, 1995), e estrutura em que o sujeito recebe Caso acusativo, pelo processo de marcação excepcional de Caso (ECM/*Exceptional Case Marking*) (cf. CHOMSKY, 1981, 1986; GONÇALVES, 1999).

Além das construções causativas descritas acima, há também a construção denominada ‘causativa românica’, encontrada no PE (e em outras línguas românicas, como o espanhol, o francês e o italiano), mas não no PB.¹ A ‘causativa românica’ caracteriza-se crucialmente pela ausência de flexão no infinitivo, e pela realização do argumento interpretado como o *causado* em posição posposta ao verbo no infinitivo, conforme ilustrado em (4):

(4) A mãe fez dormir o menino.

Nas orações causativas românicas, se o verbo flexionado no infinitivo for transitivo, o *causado* é realizado como um sintagma oblíquo, introduzido por preposição marcadora do Caso dativo conforme ilustrado em (5):

(5) A mãe fez comer a banana ao menino.

Considerando os exemplos apresentados até o momento, uma primeira pergunta que se coloca em relação à tipologia de construções causativas é: por que as construções em (4) e (5) não ocorrem no PB? Ou, inversamente, por que somente as construções do tipo (1) e (2) são encontradas no PB? Uma comparação preliminar entre os dados revela que parece haver uma relação entre o licenciamento das orações acima e a ordem SV e VS assim como fatores relacionados à sintaxe do dativo.

O fato de o PB não licenciar orações como (5) *A mãe fez comer a banana ao menino* nos faz pressupor que a perda do clítico dativo de 3ª pessoa no PB restringe sua manifestação, com implicações para a perda da subida do clítico (cf. SALLES, 1997; GONÇALVES & DUARTE, 2001; BORGES, 2008; TORRES MORAIS & SALLES, 2010). No entanto, somente essa restrição não é suficiente para explicar a agramaticalidade das causativas românicas no PB, pois o PB retém os clíticos de 1ª e 2ª pessoas, os quais são formas sincréticas na codificação das funções acusativo e dativo, sendo encontradas nas construções causativas no PB (*Maria me fez/ mandou lavar o carro*).

Antes de iniciar a investigação sobre as características das orações em (1) e (2), apresentaremos brevemente características das orações em (4) e (5), que não são licenciadas no PB.

¹ A literatura gerativa inclui, na designação das construções causativas, a distinção entre as construções ‘fazer-infinitivo’ (FI) e ‘fazer-por’ (FP) (cf. GONÇALVES, 1999; GUASTI, 2006), que contempla, entre outras propriedades, o contraste em relação à escolha da preposição introdutora do *causado* (no português, ‘a’ versus ‘para’), ilustrada em (i) e (ii), respectivamente:

(i) Fez lavar o carro ao menino.

(ii) Fez lavar o carro pelo menino.

Neste trabalho, esse contraste não será discutido.

Conforme amplamente discutido na literatura, as construções (4) e (5) envolvem a chamada *união de orações*, que possibilita a realização (obrigatória) do argumento interpretado como *causado* na projeção funcional do predicado causativo.² Um dos argumentos usados para comprovar a hipótese da união de orações é a possibilidade de pronominalização do elemento causado. Como se pode atestar em (6) e (7), o *causado*, realizado por um pronome átono/clítico, ocorre obrigatoriamente no domínio do predicado causativo.

- (6) A mãe fê-**lo** dormir.
- (7) A mãe fez-**lhe** comer a banana.

Tal situação distingue-se da reestruturação de predicados, em que a pronominalização demonstra que, além do domínio sintático do predicado mais alto (subida do clítico), o pronome pode ocorrer no domínio sintático do predicado encaixado, conforme ilustrado em (8) e (9).

- (8) O menino quer-**me** ver
- (9) O menino quer ver-**me**

Em suma, as orações causativas apresentam diferentes propriedades sintáticas. Em certas línguas há restrições relacionadas à ordem dos elementos que compõem essas orações, em outras línguas há restrições relacionadas ao Caso atribuído ao argumento interpretado como *causado*. Uma propriedade que parece ser exclusiva do português (tanto do PB quanto do PE) é a ocorrência de verbos no infinitivo flexionado em oração causativas. Todos esses fatos suscitam várias questões. Muitos estudos têm buscado discuti-las, seja investigando as características da chamada ‘causativa românica’ (cf. KAYNE, 1975; ZUBIZARRETA, 1985; GUSTI, 2006), seja buscando estabelecer as condições que determinam o surgimento da causativa ECM e da causativa com infinitivo flexionado, encontradas no PB e no PE, mas não em outras línguas românicas (BITTENCOURT, 1995; GONÇALVES, 1999; BORGES, 2008; TORRES MORAIS & SALLES, 2010; CYRINO, 2010; LIMA-SALLES & PILATI, 2011). No presente estudo, interessa-nos particularmente lançar as bases para uma proposta teórica acerca da sintaxe das construções causativas no PB.

² No âmbito da teoria gerativa, a ‘união oracional’ tem sido investigada em uma perspectiva comparada com o fenômeno da ‘reestruturação’. Destacamos o estudo de Andrade (2010) para revisão bibliográfica e proposta teórica sobre o tema.

Sob o ponto de vista da origem da construção causativa no português, e, considerando-se dados históricos, observamos que, no Português Antigo (doravante PA), somente a causativa românica é encontrada, embora o infinitivo flexionado estivesse disponível.³ Assim, cabe explicar que fatores restringem a ocorrência da configuração causativa com o sujeito com Caso nominativo. Argumentamos que a manifestação da causativa ECM e da causativa com sujeito com Caso nominativo e infinitivo flexionado é determinada por fatores independentes.

Seguindo estudo prévio (cf. LIMA-SALLES & PILATI, 2011), propomos que uma condição para o surgimento da causativa com o infinitivo flexionado e sujeito com Caso nominativo é a rigidificação da ordem SV também na estrutura subordinada, o que se confirma para o PE e para o PB.⁴ Nesse sentido, a previsão é a de que o infinitivo flexionado não ocorra na configuração com a posposição do *causado*, o que se confirma nos dados (**Maria mandou dormirem as crianças*) (cf. GONÇALVES & DUARTE, 2001). Em particular, vinculamos a ocorrência do sujeito com caso nominativo que ocorre em construções com infinitivo flexionado à perda do movimento do verbo para COMP (V para I para COMP), na estrutura subordinada. O movimento do verbo para C era licenciado no PA, por exigência da sintaxe V2, conforme proposto no trabalho seminal de Ribeiro (1995), e no português clássico (doravante PCI), conforme defendido por Galves & Paixão de Sousa (2004).

Será considerada ainda a relação entre a sintaxe das construções causativas no PB e as inovações no sistema pronominal no PB, notadamente a perda do clítico dativo de 3ª pessoa. O enfoque na 3ª pessoa deve-se ao fato de que o PB retém o clítico de 1ª pessoa (e o de 2ª pessoa, em alguns dialetos), havendo contextos em que não é possível distinguir entre a causativa românica e a causativa ECM, já que tais formas pronominais são sincréticas para o Caso acusativo e dativo (*Maria me mandou lavar o carro*).

O presente artigo está organizado da seguinte forma: consideramos inicialmente o estudo de Martins (2004) acerca da origem de construções causativas com infinitivo flexionado no português. Em seguida, discutimos a hipótese de Martins em termos dos resultados de Trannin (2010, 2011) quanto à ocorrência de causativas no português clássico (o qual corresponde ao

³ Em relação à periodização do português, existe controvérsia. Na tradição filológica, faz-se a separação entre o *português arcaico/antigo*, que compreende o período medieval (do século XIII ao século XV), e o *português moderno* (a partir do século XVI), sendo admitida ainda a existência de um período intermediário, entre os séculos XV e XVIII, referido como *português clássico*, que antecede o período contemporâneo (cf. MATTOS E SILVA, 2006). Recentemente, tem-se a proposta de um período intermediário, que abarca a segunda fase do português antigo e o período dito clássico, referido como *português médio* (cf. GALVES, 2001; GALVES, BRITTO & PAIXÃO e SOUSA, 2006; NAMIUTI, 2010). Adotando o quadro teórico gerativista e tomando como referência a sintaxe de clíticos e do sujeito, bem como o movimento do verbo na oração raiz e na oração subordinada para posições acima de IP, o estudo argumenta que a periodização é marcada pelo deslocamento do verbo para CP, no português antigo, dando origem a uma gramática da interpolação (da negação e de outros tipos de material linguístico), que mantinha adjacentes o complementador e o clítico, e para uma projeção associada à polaridade da sentença, situada abaixo de CP e designada ΣP , a qual dá conta da ocorrência restrita da interpolação, no período seguinte, já que afeta apenas a negação. No presente estudo, assumimos essa hipótese, adotando o rótulo português clássico (PCI) para fazer referência ao português intermediário.

⁴ Conforme observa parecerista anônimo, caberia problematizar a separação entre o PE e o PB. No quadro teórico gerativista, destacamos a obra pioneira de Roberts e Kato (1993), que reúne estudos linguísticos de base histórica, identificando o século XIX como o marco cronológico para o surgimento das características inovadoras do português do Brasil, destacando-se a sintaxe de colocação, o movimento do verbo, a sintaxe de clíticos – o que está em consonância com a cronologia do surgimento das características inovadoras do PE contemporâneo, em relação ao português clássico (ver nota 3).

período subsequente ao português antigo). Em seguida, propomos relacionar os resultados de Trannin (2010, 2011) à análise de Ribeiro (1995); Galves & Paixão de Sousa (2004); Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005). Finalmente, estabelecemos uma relação entre os fatos da diacronia e a sintaxe da ordem verbo-sujeito no PB, conforme discutido por Kato & Tarallo (1989, 2003), Berlinck (1989), Duarte (1995) e Pilati (2006).

1. Origem do infinitivo flexionado como complemento de verbos causativos

O infinitivo flexionado é encontrado em diferentes contextos sintáticos, no português antigo (PA), manifestando características idênticas às que determinam sua distribuição no português moderno. O infinitivo flexionado ocorre em orações adverbiais como as dos exemplos de (10) a (12) e em orações completivas como as dos exemplos de (13) a (15):

- Orações adverbiais

(10) [...] Dezia-lhis que se non atrevessem a morar com nen huas molheres **pera seeren seus abades**. (extraído de DSG, in MATTOS & SILVA, 1989: 729)

(11) [...] E **pera creeren a saberem** que á hi outras cousas que se non podem ver pelos olhos do corpo. [...] (extraído de DSG, in MATTOS & SILVA, 1989: 729)

(12) [...] E porende em parte os devemos a reeprnder/ porque son perfiosos **pera receberem a graça da fé de Cristo**. (extraído de DSG, in MATTOS & SILVA, 1989: 729)

- Orações completivas

(13) e pôs-se a denegrir sua vida de monge e a impedir quantos podia, **de irem visitá-lo**. (DSG, cap. VIII)

Essa distribuição inclui o infinitivo flexionado como complemento de verbos perceptivos, conforme ilustrado em (14) e (15), mas não de verbos causativos (cf. MAURER JR. 1968).

(14) deu de comer a porcos, que **via fartarem-se de favas**, enquanto ele mesmo tinha fome? (DSG, Cap. II)

(15) **vendo**, então, ao lado de si **crescerem densas moitas de urtigas e espinhos** (DSG, Cap. II)

De acordo com Martins (2006), a construção causativa com infinitivo flexionado é uma inovação ocorrida no século XVI. Tal inovação se desenvolveu a partir da construção designada como ‘infinitivo (flexionado) absoluto’, ilustrada em (16), a qual tem como correlato a construção finita de subjuntivo, ilustrada em (17) e (18).

- (16) E meas debitas de pane **tornarem-se** em milio.
(Documento oficial, século XII, extraído de MARTINS, 2001:92, citado em MARTINS, 2006)
- (17) este prazo **valer** e se **cumprir** em todo.
- (18) este prazo valha e se compra.
(Documento oficial, século XII, extraído de MARTINS, 2001:291 e 306, citado em MARTINS, 2006)

Martins (2001, 2006) acrescenta que, no português antigo (PA), são encontradas tanto construções causativas do tipo “Fazer-Infinitivo” (FI), quanto as causativas do tipo *ECM*, com o causado anteposto ao verbo ou marcado como acusativo, independentemente da transitividade.

- (19) Quando lhe esto **ouvyo dizer**.
(*Crónica Geral de Espanha*, 1344, CINTRA, 1961:344)
- (20) **fezeos jurar** que (...) que nunca se partyssem dally atee que (...)
(*Crónica Geral de Espanha*, 1344, CINTRA, 1961:258)

Na análise desses fatos, a autora propõe que, nos enunciados em que a construção de infinitivo absoluto ocorre em configuração de coordenação, tem-se um contexto de ambiguidade estrutural, que permite a reanálise da estrutura infinitiva como subordinada, exatamente como a configuração finita (com o verbo no subjuntivo) a ela coordenada (cf. (21)).

- (21) e sobre todo esto mandamus e houtorgamus que se algõun de nos veher que aquesta nossa partizõn queyra britar ou desfazer peyte áá outra parte aguardante C. mrs.uelhos da moheda corredia en Portugal [e o prazo **ficar** en sa forteleza] [e **vala** pero todo senpre]. (Documento oficial, 1287, MAIA, 1986:763, citado em MARTINS, 2006)

A autora argumenta que a reanálise de um infinitivo flexionado **absoluto** como um infinitivo encaixado em um verbo causativo elíptico necessariamente implica tomar como uma opção gramatical uma estrutura em que o verbo ECM seleciona um complemento de infinitivo flexionado. O exemplo (22) mostra que o tipo de configuração ambígua que deu margem à reanálise do infinitivo flexionado encaixado em um verbo causativo também permitiu o surgimento da estrutura de negação de predicado (infinitivo) – ausente no PA.

- (22) E que fosse nossa mercee mandarmos [que **husem** de seus officios] [e per suas mortes **nom seerem** dados a outros.]
(Chancelaria real; 1436. DIAS, 1998: 382)

Martins traz ainda o exemplo (23), que ilustra a ocorrência do infinitivo **absoluto** em um dado do século XVIII, o que demonstra a longevidade da estrutura no provimento das condições necessárias à reanálise proposta.

- (23) [e aly nos **ajuntarmos** todos] [e **tornarmos** sobre goa] [e **fazermos** o que podermos]
(Cartas de Afonso de Albuquerque, PATO, 1884: 23, citado em MARTINS, 2006)

Na próxima seção, apresentamos o estudo de Trannin (2009, 2010), em que se demonstra, por meio de dados quantitativos, a distribuição de complementos de verbos causativos no português clássico. Os resultados de Trannin serão considerados no sentido de avaliar as implicações da hipótese de Martins (2004) em relação ao surgimento da estrutura de infinitivo flexionado como complemento de verbos causativos no português.

2. Causativas no português clássico: os estudos de Trannin (2010, 2011)

Os estudos de Trannin (2010, 2011) investigam a ocorrência de complementos infinitivos de verbos causativos no português clássico. Os dados constituem-se de 1517 sentenças extraídas de 26 textos de autores portugueses nascidos entre 1510 e 1836, incluídos no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CTB)*. Conforme indicado na tabela 1 (extraída de TRANNIN, 2011: 2212), existe equilíbrio ao longo dos séculos em relação à ocorrência da causativa românica (FI e FP) e da causativa ECM – embora seja possível constatar a ampliação no uso da causativa FI em relação à FP, o que não é diretamente relevante para este estudo (cf. nota 1).

	Séc. XVI %	Séc. XVII %	Séc. XVIII %	Séc. XIX %
Fazer-Inf. (FI) (C. românica)	101 20,3	153 30	170 49,6	64 38,6
Fazer-por (FP) (C. românica)	302 60,7	229 44,8	110 32	66 39,7
Causativa ECM	94 19	129 25,2	63 18,4	36 21,7
TOTAL	497 100	511 100	343 100	166 100

Quadro 1: Complementação infinitiva de verbos causativos no PCI.

Relevante para o presente estudo é o fato de que não há dados de causativa com infinitivo flexionado, no período estudado (Séc. XVI a Séc. XIX). Embora a estrutura no singular seja ambígua em relação à ocorrência da configuração ECM e de infinitivo flexionado, conforme observado por Trannin (2010), foram encontrados apenas 4 (quatro) dados em contexto de ambiguidade, o que levou a autora à seguinte conclusão: “Como não há registro de orações

completivas de infinitivo flexionado não-ambíguas, estas sentenças foram consideradas construções de ECM.” Os resultados de Trannin confirmam os resultados de estudos com dados do português do Brasil no mesmo período – cf. Bittencourt (1995); Coelho (2008).⁵

Seguindo Trannin (2010, 2011), nossa avaliação é a de que a análise de Martins (2001, 2006) para o surgimento da causativa com infinitivo flexionado, referida na seção 2.1, não se sustenta no que se refere à datação da reanálise por ela proposta – embora esteja adequada em relação ao contexto sintático da reanálise. Consideramos que a ocorrência do chamado infinitivo flexionado absoluto no século XVIII, conforme ilustrado em (23), permite supor que a reanálise proposta por Martins (2001, 2006) é tardia. Uma questão que se coloca, portanto, e que será parcialmente respondida no presente artigo, é: por que a causativa com o infinitivo flexionado não ocorre no PA e PCl, embora o infinitivo flexionado esteja presente em outros contextos sintáticos desde o PA?

Em relação à incidência da causativa ECM desde o século XVI, conforme atesta o estudo de Trannin (2010, 2011) (cf. Quadro 1), cabe comentar que tal construção, por hipótese, é realizada em uma projeção reduzida – provavelmente TP (cf. CHOMSKY, 1986, 1995, 2004). Nessa configuração, o DP interpretado como *causado*/sujeito lógico recebe Caso na relação (*probe-goal*) com o ‘vP’ da matriz, conforme indicado a seguir.

(24) ... [_{VP} **fezeos** [_{TP} **jurar** que (...) que nunca se partyssem dally atee que (...)]]

Na próxima seção, investigamos duas hipóteses que permitem analisar tal situação.

3. Implicações da gramática V2 do Português Antigo e do Português Clássico para o surgimento da causativa com infinitivo flexionado no PE e no PB

Esta seção propõe-se estabelecer uma relação entre a mudança ocorrida do Português Clássico, uma língua V2, para o PE e PB contemporâneos. Como os estudos de Galves (2001, entre outros) defendem, em línguas V2, o verbo é alçado para C, legitimando a topicalização no especificador de CP. A perda deste movimento provoca uma mudança no padrão de colocação de clítico associada a uma alteração na ordem entre sujeito e verbo: a generalização da ênclise e o aumento de construções SV. Em uma gramática V2, existem várias posições disponíveis para o sujeito; com a ausência do alçamento V-para-COMP o sujeito tende a aparecer em uma posição fixa.

Nesse sentido, a mudança do PCl para o PE é atribuída crucialmente à perda do fenômeno V2, ou seja, à perda do movimento do verbo para C. Assim, a única posição lícita para o sujeito

⁵ O estudo de Trannin (2010) investiga outros fenômenos em relação à sintaxe da construção causativa, que não serão considerados em detalhe neste estudo, embora sejam relevantes para pesquisa futura. Entre eles, a distribuição dos diferentes tipos de causativa (causativa FI/ causativa FP/ ECM) entre os chamados verbos auxiliares causativos – *fazer*, *mandar*, *deixar*, sendo demonstrado que as construções ECM são mais frequentes como complementos do verbo *deixar*. Merece também referência a ampliação do uso de causativas do tipo FI (românica) com verbos intransitivos ao longo dos quatro séculos investigados, o que permite explicar a queda na realização do *causado* pelo pronome *lhe* e/ou pelo constituinte introduzido pela preposição *a*, sendo tais fatos considerados determinantes para a ampliação na marcação do *causado* como acusativo.

passa a ser [Spec,AgrP], já que o preenchimento da posição [Spec,CP] é incompatível com a ênclise. A posição do verbo é diretamente afetada pela reanálise e este não pode mais se movimentar para C. A consequência paramétrica da nova estrutura é, portanto, a perda de V2 (GALVES, 2001). Sendo assim, a partir do século XVIII, já se configura a gramática do PE. Com a perda de V2, o movimento do verbo finito para C deixa de ser licenciado.

Várias pesquisas, como as de Andrade (2010) e Trannin (2010, 2011), defendem que a perda de V2 no PCI também ocorreu em orações subordinadas, como as causativas. É o que afirma Trannin (2010):

Assumimos, portanto, que a derivação das causativas nas gramáticas do PCI e do PE é a mesma. Os únicos aspectos que mudam com a perda de V2 no século XVIII dizem respeito à posição do verbo causativo e do seu argumento externo. (TRANNIN, 2010:122)

Neste trabalho, também assumimos que essa correlação é verdadeira. No entanto, consideramos que sua manifestação requer elaboração. Em particular, consideramos que a manifestação da construção causativa no português, particularmente no que se refere à ausência da causativa de infinitivo flexionado com sujeito com Caso nominativo no PA e no PCI, por um lado, e à hipótese de reanálise da construção de infinitivo flexionado absoluto como estruturas encaixadas, por outro, conduzem a duas hipóteses mutuamente implicadas.

Hipótese 1: a gramática do infinitivo flexionado no PE contemporâneo estrutura-se por meio do contraste entre a ordem SV e VS – enquanto a ordem VS é obrigatória se a oração de infinitivo flexionado ocorre como complemento de verbos epistêmicos, a ordem SV é obrigatória em configuração adverbial, sendo opcionalmente SV ou VS se a oração de infinitivo flexionado ocorre como complemento de verbos factivos (cf. RAPOSO, 1987; MADEIRA, 1995); no PB contemporâneo, a oração de infinitivo flexionado só não ocorre como complemento de predicados epistêmicos, o que pode ser atribuído ao uso restrito da ordem VS (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996; SALLES, 2005); nesse sentido, supõe-se que a ordem V2 na oração subordinada é incompatível com uma gramática que pressupõe a ordem SV obrigatória em determinado contexto, o que se confirma em relação à construção causativa, em que a ordem SV é obrigatória (*Mandou os meninos lavarem o carro/ *Mandou lavarem o carro os meninos*) (cf. GONÇALVES & DUARTE, 2001).

Hipótese 2: tendo em vista as características da sintaxe do infinitivo flexionado referida na *Hipótese 1*, um requerimento para a reanálise do *infinitivo flexionado absoluto* como complemento de verbos *causativos* é que a gramática V2 não esteja presente em contexto de subordinação; sabendo-se que a gramática do português antigo e do português clássico não impõe restrição à ordem VS na estrutura subordinada, a previsão é a de que a reanálise da oração de infinitivo flexionado como complemento de verbos causativos não ocorra enquanto estiver vigente a referida restrição.

Em resumo, a restrição à configuração SV em orações subordinadas se define no âmbito da hipótese de que o PA e o PCI manifestavam uma gramática do tipo V2, em configuração finita

(cf. RIBEIRO, 1995, 2010; GALVES, 2001; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005).

Na seção 3.1, apresentamos sucintamente as características do padrão V2 nos períodos históricos citados.

3.1 O padrão V2 no português antigo e no português clássico

De acordo com Ribeiro (1995), PA é um sistema V2 simétrico. Essa característica consiste na realização do verbo na 2ª posição, na presença de um constituinte XP na primeira posição (seja na oração matriz, seja na oração subordinada), conforme ilustrado em (25) e (26), respectivamente, com dados extraídos de Ribeiro (1995: 113-114/ 119).⁶

- (25) a. Ca assi temian todalas bestas a agua
b. E tanto creceu a agua derredor da eigreja

- (26) a. Nunca leemos que *meestre nen huu ouvesse*
b. E por esso diss'el que *aqueles juízos de Deus pronunciara el que...*

Assumindo a estrutura do CP explodido de Rizzi (1997), Ribeiro (2010) propõe que o padrão V2 se manifesta pelo movimento de V para o núcleo Fin operativo no PA, com movimento adicional de Fin para Foco, se FocoP é ativado. Nesse sentido, a periferia CP no PA é ativa, em detrimento do domínio de IP.

O caráter menos ativo de IP confirma-se pelos fatos a seguir, considerados como corolários do padrão V2:

1. Produtividade da gramática do infinitivo **impessoal** (cf. MAURER JR., 1968), confirmada pela ampla ocorrência de predicados de **reestruturação**: perífrases temporais e aspectuais; perífrases com modais; perífrase causativa – com alta produtividade de subida do clítico, por um lado, e a ausência de estrutura com a negação do predicado (no infinitivo) (cf. MARTINS 2004);
2. Uso categórico da **oração finita** com predicados de controle de objeto – o que implica a ausência de sujeito expresso na oração subordinada (cf. AZEVEDO, 2006: 129 – (...) *rogou [os monges]_i com grande homildade que no pro_i fossen alá (...)*, extraído do DSG.

No português clássico, a gramática V2 é discutida em termos da sintaxe dos clíticos (cf. GALVES, 2001; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2004; GALVES, BRITTO & PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GIBRAIL, 2007). De acordo com Galves & Paixão de Sousa (2004:13), a

⁶ Ribeiro (1995) fundamenta a hipótese de que o fenômeno V2 está presente no PA, considerando 113 construções extraídas dos Diálogos de São Gregório, sobressaindo-se o fato de que o padrão XPV(S) (crucialmente identificado com o padrão V2) é encontrado em 31 orações raízes e em 12 orações subordinadas. O padrão SV(C) é encontrado em 15 orações raízes e em 19 orações subordinadas, sendo considerada a hipótese de que satisfaz o padrão V2, já que o verbo está na segunda posição.

natureza V2 das construções [XV...] do português clássico se confirma pelo fato de que a primeira posição pode ser ocupada por qualquer constituinte da oração, não havendo lugar pré-verbal especial para a posição do sujeito. Assim, a ordem SV no PC implica que S é deslocado. Nesse sentido, o padrão VS no PC é identificado com a inversão germânica, com a seguinte estrutura: **XVSX**.

Analisando os dados na relação com a sintaxe dos clíticos, concluem que a próclise indica que o constituinte em posição pré-verbal está inserido na estrutura prosódica da oração, como elemento frontado; a ênclise indica que o constituinte que antecede o verbo é realizado em posição anterior à fronteira prosódica da frase. Dessa análise resulta a identificação de duas posições para o constituinte deslocado, demonstrando-se que a posição interna (specTP) não é exclusiva para o sujeito.

Em relação à oração subordinada, os dados quantitativos indicam que a frequência de estruturas na ordem (X)V SX é baixa e que predomina a ordem SV.⁷ A tendência de predomínio da ordem SV havia sido detectada no estudo de Ribeiro (1995), conforme observado anteriormente (cf. nota 8). O resultado referente ao PCI é discutido por Antonelli (2008, 2011), que assume o padrão V2 simétrico para essa gramática – aventando hipóteses diferentes para a posição do sujeito (desde a permanência *in situ*, em vP, até a possibilidade de ocorrência em specTP, mediante a hipótese de o verbo mover-se para a periferia da oração, assumindo-se a configuração de CP em camadas).

Para a presente análise, interessa-nos que a existência de dados de ordem (X)V SX indica que o movimento do verbo para a periferia da oração é uma opção disponível, ou ainda que specTP não é posição obrigatória para o sujeito, conforme preveem as análises citadas.

3.2. A causativa com infinitivo flexionado: proposta de análise

Como visto nas seções anteriores, orações causativas com infinitivo flexionado não ocorrem na gramática do PA e do PC; mas estão presentes na gramática do PE moderno e do PB.⁸ Em outras palavras, a estrutura $V_{[+flex]} X_{causado}$ (Mandou *dormirem os meninos*), compatível com a gramática V2, não ocorre até o século XVIII. Assumimos a análise de Martins (2004) de que a causativa com verbo flexionado resulta da reanálise do *infinitivo flexionado absoluto* como complemento de verbo perceptivo e causativo. No entanto, propomos que essa reanálise requer que a posição de specTP seja exclusiva do sujeito, o que é incompatível com a gramática V2 e explica a ausência dessa construção nos dados do português clássico (cf. seção 2). Assim, a reanálise não pode ocorrer no século XVI, conforme proposto por Martins (2004), embora seja

⁷ Conforme observado por parecerista anônimo, o fato de as orações subordinadas manifestarem predominantemente a ordem SV, no PCI, põe em questão a hipótese deste trabalho, em relação ao surgimento de orações causativas de infinitivo flexionado. Essa questão será analisada no âmbito da hipótese de que o PCI manifesta o padrão V2 simétrico.

⁸ Não é nosso objetivo aprofundar a questão da produtividade do infinitivo flexionado no PB, seja na estrutura causativa, seja em outros contextos sintáticos. No entanto, ressaltamos resultados de estudos quantitativos que vinculam o uso (preferencial) do infinitivo flexionado à presença de sujeito expresso e referencialmente disjuncto em relação ao sujeito da oração matriz – sendo a construção causativa um contexto desse tipo (cf. GORSKI, 2000; CABRAL, 2006).

possível que ocorra mais tardiamente, o que se sustenta pela presença do infinitivo flexionado absoluto no século XVIII, conforme referido em Martins (2004).

Assumindo-se que a perda do padrão V2 ocorre no século XVIII e que a gramática do PB se manifesta a partir do século XIX, deduz-se que o PB, sendo um desenvolvimento dessa gramática, passa a apresentar as características sintáticas necessárias para o desenvolvimento da sintaxe inovadora das orações causativas a partir do século XIX. No entanto, o PB requer explicações adicionais, uma vez que apresenta uma sintaxe mais restrita do que o PE (conforme apresentado na introdução deste artigo). Sendo assim, consideramos importante acrescentar à análise o fato de que a ordem VS é encontrada tanto no PE quanto no PB, embora seu licenciamento seja determinado por fatores independentes, em cada uma dessas línguas.

Vários estudos mostraram evidências de que, desde o século XIX, há decréscimo no uso da ordem verbo-sujeito no PB (TARALLO & KATO, 1989; BERLINCK, 1989; DUARTE, 1995; FIGUEIREDO SILVA, 1996; entre outros).

Conforme observado em Pilati (2006), a ordem VS no PB ocorre em contextos restritos, manifestando as seguintes características: (i) não ocorre como resposta a perguntas QU- com foco estreito, como em (27), distinguindo-se, portanto, do PE, em que a ordem VS é associada crucialmente à interpretação de foco estreito (cf. COSTA, 2008); (ii) é licenciada com mais frequência com verbos inacusativos, como atesta a maioria dos estudos variacionistas (BERLINCK, 1989), embora possa também ocorrer com verbos inergativos e transitivos, como defendido por Votre e Naro (1999) e atestado por Pilati (2002) e Scherre, Naro & Cardoso (2007). Pilati demonstra que a ordem VS, em (28) e (29), é associada a uma interpretação dêitica, relacionada ao momento da enunciação ou a um lugar específico, cuja referência é compartilhada pelos interlocutores. Nesse sentido, as estruturas VS no PB distinguem-se das estruturas VS do PE.

- (27) – Quem dormiu/ comeu o bolo?
 Foi a Bruna (PB)
 – *Dormiu a Bruna (PB:*;PE: OK) / *Comeu o bolo a Bruna (PB:*;PE: OK)
- (28) a. Morreu Felini. (ordem VS: fato recente: Felini acabou de morrer)
 b. Felini morreu. (ordem SV: Felini morreu em qualquer data.)
- (29) a. Toma posse o deputado.
 b. Ali dorme a Maria.
 c. E dançaram as duas.
 d. Só valem as garotas.

A hipótese defendida por Pilati (2006) é a de que, no PB, as orações com ordem VS só são licenciadas quando há um elemento locativo na posição de SPEC de TP, sendo essas orações um tipo de “inversão locativa” (cf. BRESNAN & KANERVA, 1989, BRESNAN, 1994 e LEVIN

& RAPPAPORT HOVAV, 1995).⁹ O que se deseja defender, portanto, é que orações com ordem VS no PB somente são usadas em contextos específicos, e que, portanto, a ordem SV será a única possível no caso das orações causativas. O PB perdeu, portanto, a possibilidade de licenciar a ordem VS em contextos que não sejam os de inversão locativa.

Assim, o padrão V2, vigente até o século XIX (e a consequente restrição à ordem SV no português), impede a ocorrência da causativa com infinitivo flexionado: **mandou as meninas saírem* (ausentes até o século XIX); isso porque a causativa com infinitivo flexionado é realizada na configuração CP – diferentemente da causativa românica, em que ocorre a união oracional (mono-oracional), e a causativa ECM (bi-oracional), em que a oração subordinada é uma configuração reduzida (TP) (CHOMSKY, 1986, 1995; GONÇALVES, 1999; WURMBRAND, 2001).

Conforme referido anteriormente, a gramática do infinitivo flexionado pressupõe que a ordem SV esteja disponível, tendo em vista o caráter contrastivo que tal ordem mantém com o padrão VS – sendo esta última realizada na configuração CP, por movimento de V para C (cf. *Aux to Comp* RIZZI, 1982; RAPOSO, 1987). Tendo em vista esse caráter contrastivo, propomos que a causativa com infinitivo flexionado alinha-se com as construções adverbiais, no sentido de exigirem o padrão SV (opondo-se, portanto, às construções realizadas como complemento de verbos epistêmicos, que exigem o padrão VS).

Em suma, as características sintáticas do PB apresentadas até o momento, consideradas relevantes para responder às questões apresentadas no início deste artigo e explicar as propriedades das construções causativas no PB, são as seguintes:

- a) Perda do padrão V2.(como se depreende do declínio na ocorrência da inversão germânica (XVSO), com o desenvolvimento, no PE, da inversão livre/ românica (XVOS) (cf. GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2004, entre outros);
- b) Perda da inversão livre no PB (ordem Verbo-Sujeito) – (cf. KATO & TARALLO, 1989, 2003; BERLINCK, 1989; DUARTE, 1995 e PILATI, 2006).

⁹ Em Levin & Rappaport Hovav (1995), são caracterizadas as orações denominadas *inversões locativas* no inglês, como em (i) (L&R,1995:224, ex. 19b,d, grifos das autoras):

- (i) a. On the third floor WORKED two young women called Maryanne Thomson and Ava Brent.
“No terceiro andar trabalharam duas jovens mulheres chamadas Maryanne Thomson and Ava Brent.”
- b. At an end, in crude bunks , SLEPT Jed and Henry.
“Num canto, em camas simples, dormiam Jed e Henry”

Entre as características sintáticas dessas orações, estão: (a) têm a estrutura PP VP NP; (b) o PP inicial é um elemento com referência locativa ou direcional; (c) podem ser licenciadas com verbos inergativos ou inacusativos. No entanto, nem todos os verbos inacusativos são licenciados em inversões locativas, como ilustrado em (ia,b) (L&R,1995:224, ex. 18a,b):

- (ii) a.*On the top floor of the skyscraper broke many windows.
“No último andar do arranha-céu quebraram muitas janelas”
- b.*On the streets of Chicago melted a lot of snow.
“Nas ruas de Chicago derreteu um monte de neve”

d) Podem ser licenciadas com verbos transitivos, quando o verbo é formado por frases fixas, ou expressões idiomáticas, como *take place* and *take root*.

Em relação à posição dos elementos locativos pré-verbais na estrutura da sentença, para L&R (1995), o PP pré-verbal não é o argumento externo do verbo, e sim um elemento que se move de uma posição interna ao VP para a posição de sujeito e pode ser topicalizado, em seguida.

A esses fenômenos acrescentamos as inovações no sistema pronominal, que têm as seguintes implicações para a sintaxe das construções causativas:

- c) Perda da causativa FI no PB com verbo intransitivo – **Maria fez dormir o menino* – assumindo-se que a agramaticalidade é determinada pela restrição ao uso do pronome forte de 3ª pessoa nessa configuração, o qual substituí o clítico acusativo no PB – **Maria fez dormir ele*.
- d) Perda do pronome dativo de 3ª pessoa (cf. RAMOS, 1992; SALLES, 1997; SALLES, 2005; TORRES MORAIS, 2006; TORRES MORAIS & SALLES, 2010) e consequente perda da causativa FI com verbo transitivo – **Maria fez comer o bolo ao menino/ *Maria fez-lhe comer o bolo*.

Considerações finais

O objetivo do artigo foi examinar a sintaxe de construções causativas no PB, investigando particularmente questões relacionadas ao surgimento do infinitivo flexionado no PB e sua relação com a ordem sujeito-verbo. Partimos da observação de que o PB deixa de manifestar a causativa românica, a partir do século XVIII – o que se confirma pela perda da sintaxe do dativo (perda do caso morfológico [*a-DP/lhe(s)*]). Para explicar o fenômeno, considerou-se como aspecto crucial a ausência de causativas com infinitivo flexionado em períodos remotos da língua – apesar da presença do infinitivo flexionado em outros contextos sintáticos. A hipótese defendida é a de que o padrão V2 vigente até o século XIX (e a consequente restrição à ordem SV no português) restringiu a ocorrência da causativa com infinitivo flexionado. A partir do século XIX, com a perda do padrão V2 (cf. RIBEIRO, 1995; GALVES, 2001; GALVES & PAIXÃO DE SOUSA, 2004, 2010), surgem as causativas com ordem SV e infinitivo flexionado, presentes tanto no PB quanto no PE. Observou-se, finalmente, que a diferença entre o PB e o PE no que se refere à sintaxe das construções causativas envolve a perda, no PB, da causativa românica com verbos transitivos e intransitivos, o que é explicado em termos das propriedades do sistema pronominal.

A correlation between the subject-verb word order and the properties of causative constructions in Brazilian Portuguese (BP)

RESUMO: The paper aims at providing the foundations for a theoretical hypothesis accounting for some syntactic properties of causative constructions in Brazilian Portuguese (BP). Causative constructions in BP display the following characteristics: subject-verb (VS) word order; the (inflected) infinitive and a Nominative subject, as in *A mãe fez os meninos comerem* (The mother made the children eat.3pl); *A mãe fez eles comerem* (The mother made 3pl.NOM. eat.3pl). However, the so-called Romance Causative, in which the *causee*/(logic) subject is postverbal, is ungrammatical in BP, whether with intransitive or transitive verbs (the *causee* being introduced by the dative preposition ‘a’ (to), in the latter case), as in: **A mãe fez dormir o menino* (The mother made sleep the boy) e **A mãe fez comer a banana ao menino* (The mother made eat the banana to.DAT the boy). Following previous studies – Ribeiro (1995), Galves & Paixão de Sousa (2004), Martins (2004), Trannin (2011), Lima-Salles & Pilati (2011) –, we propose that a condition for the rise of the causative construction with the (inflected) infinitive and a Nominative

subject in BP is the rigidification of the SV word order in the embedded clause, which correlates with the loss of the V2 pattern, found in Ancient Portuguese and Classic Portuguese.

Key words: causative constructions, (inflected) infinitives, word order, Brazilian Portuguese.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. *A subida de clíticos em português: Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. Campinas: UNICAMP, 2010. 360f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

AZEVEDO, A. *Estudo das construções infinitivas em “Os Diálogos de São Gregório”*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2006.

BERLINCK, R. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. *Fotografias sociolinguísticas*. Pontes Campinas e SP, 1989.

BITTENCOURT, V. O. *Da expressão da causatividade no Português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. São Paulo: PUC-SP, 1995. Tese (Doutorado em Estudo de Línguas). Instituto de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

BORGES, D. C. *Construções causativas na diacronia do Português do Centro Oeste. Séculos XVII a XX*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2008.

BRESNAN, J. Locative inversion and universal grammar. *Language* 70(1), 72-131, 1994.

_____. Locative inversion in Chichewa: A case study of factorization of grammar. *Linguistic Inquiry* 20(1), 1-50, 1989.

CABRAL, G. S. *A concordância variável do infinitivo na escrita padrão*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2006.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Preager, 1986.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.

COSTA, J. *Word order variation. A constrain-based approach*. Dissertation [Doctor of Linguistics] Leiden University, Leiden, 1998.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora de UNICAMP, 1993.

_____. On complex predicates in Brazilian Portuguese. *Iberia. An International Journal on Theoretical Linguistics* Vol. 2.2, p. 1-21, 2010.

DUARTE, M.E.L. *A Perda do Princípio 'Evite Pronome' no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1995.

FIGUEIREDO-SILVA, M. C. F. *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

GIBRAIL, A. Formas estruturais variantes do licenciamento no licenciamento de objetos topicalizados do português clássico. *Estudos Linguísticos XXXVI* (2), p. 210-220, 2007.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____ & PAIXÃO DE SOUSA, M.C. Clitic placement and the positions of subjects in the history of European Portuguese. In H. JACOBS & T. GWAART (Eds). *Romance Language and Linguistic Theory*, 2004.

_____ ; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M.C. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol 4, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, 2006.

_____ & PAIXÃO DE SOUSA, M.C. The loss of verb second in the history of Portuguese: Subject position, clitic placement and prosody. Talk presented at *DIGS 12*. Cambridge, 2010.

GONÇALVES, A. P. L. M. *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

_____ & DUARTE, I. Construções causativas em Português Europeu e em Português Brasileiro. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. C. NUNES CORREIA & A. GONÇALVES (Eds), 657-671. Lisboa: APL & Colibri, 2001.

GORSKI, E. Variação no uso do infinitivo pessoal. *Organon*, 14 (28-29) p. 95-113, 2000.

GUASTI, M.T. Semantic restrictions on Romance causatives and the incorporation approach. *Linguistic Inquiry*, 27: 294-313, 1996.

_____. Analytic causatives. In: M. EVERAERT; H. VAN RIEMSDIJK. *The Blackwell companion to syntax*, v. 4, 142-163, 2006.

KATO, M. A. A Restrição de Mono-Argumentalidade da Ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Linguístico* 2: 97-127, 2000.

_____ & TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: SCHLIEBEN-LANGE, I. VILLAÇA KOCH, JUNGBLUTH (Orgs.). *Dialog zwischen den Schulen*. Münster: Nodus Publikationen, 1993/2003.

_____ & TARALLO, F. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Unpublished (ms.), Campinas, SP, UNICAMP, 1988.

KAYNE, R. *French Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1975.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1995.

MADEIRA, A. M. *Topics in Portuguese Syntax: the Licensing of T and D*. PhD Dissertation. University College London, 1995.

MARTINS, A. M. On the Origin of the Portuguese Inflected Infinitive: A New Perspective on an Enduring Debate. *Historical Linguistics 1999: Selected Papers from the 14th Conference on Historical Linguistics*. LAUREL J. BRINTON (Ed.). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 207-222, 2001.

_____. Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva, A. M. BRITO, O. FIGUEIREDO & C. BARROS (Eds)*. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 197-225, 2004.

_____. Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. RANDALL S. GESS & DEBORAH ARTEAGA (Eds.). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 327-355, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa. Estudos gerais. Imprensa Nacional, 1989.

NAMIUTI, C. Pistas para três gramáticas na diacronia do português. *Estudos da Língua(gem)*, 8 (1), p. 41-53, 2010.

NARO, A. J.; CARDOSO, C. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 23, p. 283-317, 2007.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2006.

RAMOS, J. *Marcação de Caso e Mudança Sintática no PB*. Tese de Doutorado. Unicamp, 1992.

RAPOSO, E. Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18 (1), p. 85-109, 1987.

RIBEIRO, I. *A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

_____. Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas do português arcaico. *Estudos da Lingua(gem)*. Volume 8 (2), 15-40, 2010.

ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 263-306.

SALLES, H.M.L. *Prepositions and the Syntax of Complementation*. PhD Dissertation. University of Wales, 1997.

_____. Exceptional Case marking in Brazilian Portuguese. In: M. BATLLORI & M-L HERNANZ & C. PICALLO & R. ROCA (Eds.). *Grammaticalization and Parametric Variation*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____ & PILATI, E. Correlações entre a ordem dos termos na oração e a sintaxe de construções causativas no português – PA, PC, PE e PB. Trabalho apresentado no GT-TG, Maceió 2011.

SILVA, M.C.F. *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

TORRES MORAIS, M. A. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 263-306.

_____. *Do Português Clássico ao Português Europeu. Um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.

_____. Um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *ABRALIN* 5, p. 239-266, 2006.

_____ & LIMA-SALLES, H. M. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus* (Dordrecht), v. 22, p. 181-209, 2010.

TRANNIN, J. B. *Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no português europeu: uma abordagem diacrônica*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2010.

_____. Estudo histórico do infinitivo com verbos causativos no português europeu. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*, p. 2.207-2.218, 2011;

WURMBRAND, S. *Infinitives. Restructuring and Clause Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.

ZUBIZARRETA, M.L. The relation between morphophonology and morphosyntax: the case of Romance causatives. *Linguistic Inquiry* 16 (2), p. 247-289, 1985.

Data de envio: 24/10/2013

Data de aceite: 05/03/2014

Data de publicação: 21/07/2014